

Redução de ministérios: entre a eficácia e a falácia

Governo federal, oposição e especialistas divergem quanto à diminuição do número de pastas. Dilma afirma que manterá estrutura atual; Aécio anuncia "superministérios"; Eduardo Campos promete cortar metade

Eduardo Miranda

eduardo.miranda@brasileconomico.com.br

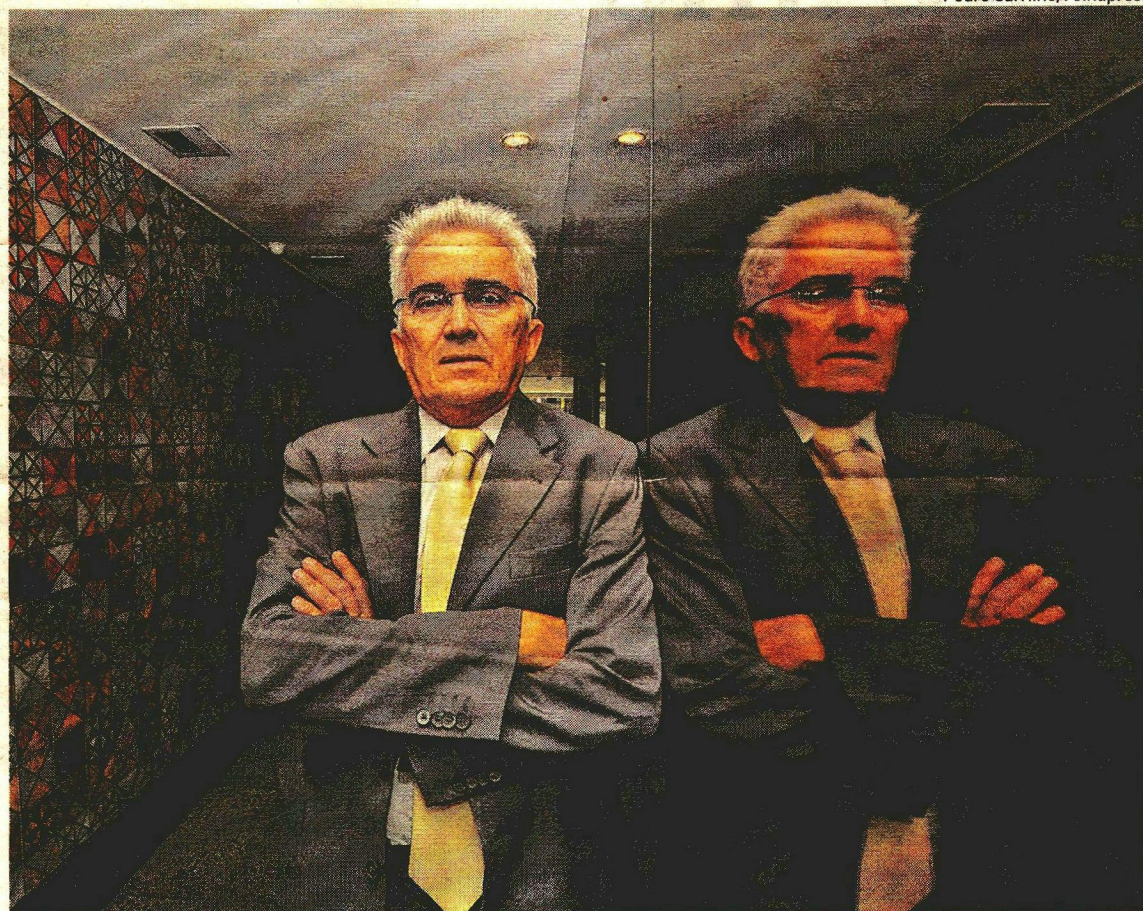
O número de ministérios na gestão da presidenta Dilma Rousseff é um dos principais pontos de divergência entre o governo federal e os candidatos da oposição. Recentemente, Aécio Neves disse que, numa eventual vitória tucana nas urnas, a pasta da Pesca seria uma das que desapareceriam. Eduardo Campos, por sua vez, tem prometido reduzir à metade o número de ministérios.

No domingo, Dilma deu sinais de que não cederá às pressões por mudança na estrutura, argumentando que o atual formato (são 24 ministérios tradicionais, além de secretarias com o status de ministério, totalizando 39) "responde ao momento histórico do Brasil". Ao citar a Pesca como alvo da oposição, ela atingiu a proposta de Aécio de integrar a pasta ao que vem sendo chamado de "Superministério da Agricultura".

Entre os especialistas em gestão pública também não há consenso. Para Raul Velloso, ex-secretário de Assuntos Econômicos do Ministério do Planejamento, a proposta da oposição de reduzir o número de pastas "não tem nada de complexo nem sofisticado". Velloso afirma que a única intenção do "inchaço da máquina" é "acomodar partidos menores que o governo vê como importantes na base política".

Segundo o economista, não há riscos na reconfiguração da estrutura, já que ela vai "diminuir gastos". "A rigor, não vi que (o aumento de pastas nas últimas gestões) tenha resolvido nada, voltar atrás será salutar", defendeu Velloso, apesar de amenizar o impacto nas contas públicas: "Mas não é por aí que se vai resolver o problema do Brasil".

Economista da área fiscal e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE/FGV), José Roberto Afonso é a favor da diminuição do número de ministérios, assim como de "qualquer outra medida que reduza o custeio do governo". Ele chama atenção para o "valor simbólico importante para expectativas" de contenção de gastos. "Até os leigos compreendem que fechar



Raul Velloso afirma que a proposta da oposição "não tem nada de complexo, nem sofisticado"

ministério significa tentar reduzir gasto", diz.

Entre os economistas que integram o debate de ideias na campanha do presidencial Aécio Neves, Mansueto Almeida é voz dissonante na proposta de redução de ministérios como medida eficaz para limitar os gastos públicos. Em agosto do ano passado, o economista chamou de "falácia" o raciocínio de que o aumento do número de pastas é o grande responsável pelo aumento dos gastos. Ele esclarece que dos atuais ministérios, vários deles eram antes secretarias.

De fato, na última vez em que os tucanos estiveram no poder, no segundo governo do ex-presidente Fernando Henrique, o número de pastas chegava a 24, mas somavam-se a elas algumas outras secretarias, totalizando em 34 as que tinham o status de ministério.

A promessa de corte de ministérios também não é nova. O ex-presidente Fernando Collor conseguiu chegar a 17 pastas. Os números, no entanto, ficaram no plano

teórico, diante da criação de 13 secretarias com status de primeiro escalão no governo federal.

Do ponto de vista político, o presidente que se comprometer com o fechamento de postos deverá ter força suficiente para enfrentar os partidos da base aliada e a opinião pública — "que reage de forma negativa, porque tende a não gostar de redução de nada", afirma o cientista político Diogo Costa, professor do Ibmecc/MG.

"É um problema que pode ser resolvido com sucesso de acordo com o grau de habilidade política do governo. Obviamente, isso não acontece sem que várias vezes se levantem contra. Margaret Thatcher (primeira-ministra do Reino Unido nos anos 80) foi uma das que enfrentou essa situação", lembra o cientista político, que cita como alternativa de recompensa aos aliados a concessão de poder local. Um exemplo é o Estado do Maranhão, onde o PT resolveu enfrentar as críticas e apoiar a família Sarney. "Essa é uma das possibilidades", pondera Diogo Costa.

66

A rigor, não vi que (o aumento de pastas nas últimas gestões) tenha resolvido nada, voltar atrás será salutar (...). Mas não é por aí que se vai resolver o problema do Brasil"

Raul Velloso
Economista

66

Qualquer medida que reduza o custeio do governo é mais do que bem-vinda. Tem um valor simbólico importante para expectativas, pois até os leigos compreendem que fechar ministério significa tentar reduzir gasto"

José Roberto Afonso
Economista (IBRE/FGV)

66

É um problema que pode ser resolvido com sucesso de acordo com o grau de habilidade política do governo. Mas isso não acontece sem que várias vezes se levantem contra. Margaret Thatcher foi uma das que enfrentou essa situação"

Diogo Costa
Cientista político (Ibmecc/MG)